Hígia Ciência

Artigo Original

PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO (INFANTIL, FUNDAMENTAL I e II E MÉDIO) E A SÍNDROME DE BURNOUT: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO BRASIL DE 2005 A 2015.

Bruna Arado Pesan[1] **Adriana Azeredo Farinazzo** [2]

RESUMO O objetivo deste estudo foi fazer um levantamento da produção científica brasileira sobre a Síndrome de Burnout no Brasil; mais especificamente entre os professores da rede pública, nos níveis Infantil, Fundamental I e II e Médio e relatos de pesquisa. Para realizar tal intento foram realizadas buscas bibliográficas nas bases de dados BVS, Index Psi e Pepsic, no ano de 2015 e compreendeu um intervalo de 10 anos – de 2005 a 2015. Foram utilizadas as seguintes palavras chave: *Síndrome de Burnot, Burnout e Síndrome do Esgotamento Profissional*. Do material levantado foram escolhidos os artigos somente daqueles que satisfaziam aos critérios escolhidos. Foram levantados 14 artigos de 375 que faziam referência à Síndrome. Percebe-se que a maior produção está concentrada nos anos de 2013 a 2015; a população feminina é a que mais compõem as amostras; as pesquisas não possibilitam generalizações por serem regionais e uma população restrita e os pesquisadores são unânimes em informar que as pesquisas da *Síndrome de Burnot* ainda são limitadas quanto ao número e quanto à profissão de docência em todos os níveis.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout, Burnout, Professores, Rede Pública.

---

[1]Graduada em Psicologia pelo IMES Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva- SP; Email: bruh_map@hotmail.com

[2] Psicologa, docente e supervisora de estágio do curso de Psicologia do IMES Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva- SP;

TEACHERS OF PUBLIC EDUCATION (INFANTIL, FUNDAMENTAL I and II AND AVERAGE) AND BURNOUT SYNDROME: AN ANALYSIS OF SCIENTIFIC PRODUCTION IN BRAZIL FROM 2005 TO 2015.

ABSTRACTThe aim of this study was to survey the Brazilian scientific literature on the Burnout Syndrome in Brazil; more specifically among public school teachers in Intantil levels, Basic I and II and the Midium and research reports. To achieve this purpose bibliographic searches were conducted in the VHL databases, Index Psi and Pepsic in 2015 and included an interval of 10 years - from 2005 to 2015. The following keywords were used: Burnot syndrome, and Burnout Syndrome Professional Exhaustion. Material raised the articles were chosen only those that satisfy your chosen criteria. They were raised 14 articles of 375 that referred to the syndrome. It is noticed that most production is concentrated in the years 2013-2015; the female population is the most make up the samples; surveys do not allow generalizations to be regional and a limited population and the researchers are unanimous in informing the research of Burnot syndrome is still limited on the number and on the teaching profession at all levels.

Keywords: Burnout Syndrome, Burnout, Teachers, Regular Public Schools.

INTRODUÇÃO

A utilização do termo Burnout está associado ao estresse crônico, assim designado pelo psiquiatra americano Herbert Freudenberg em 1974. Ela pode ser chamada também de Síndrome do Esgotamento Físico; que aparece em decorrência de um grau mais elevado do estresse; e na qual ocorre um esgotamento mental intenso causado por grandes pressões no local de trabalho.

Esta síndrome tem afetado os trabalhadores brasileiros cada vez mais e estes, por sua vez, não percebem o risco ao qual estão expostos e deixando o cuidado com sua saúde como segundo plano. Uma das categorias de trabalhadores que são mais acometidos por esta Síndrome são os professores da rede pública. Carlotto (2011), afirma que se antes a atividade docente era vista como uma profissão vocacional de satisfação pessoal e profissional, hoje este ofício está intimamente ligado a questões burocráticas, que levam a rotina diminuindo a execução do trabalho e uma melhora na vida profissional, de lazer e convívio social.

Para Silva (2006, p.94), o professor passa por algumas fases durante a vida profissional. A fase do idealismo (entusiasmo e energia no trabalho), a do realismo (frustração e não compensação no trabalho), a estagnação e frustração ou quase-burnout (o entusiasmo inicial se transforma em fadiga crônica), a apatia e burnout total (desespero, autoestima baixa e depressão) e o “fenômeno fênix” (abandono do trabalho antes de se recuperar). Parece que a maioria dos professores hoje se encontra nas fases finais.

O baixo salário, políticas que são implantadas de cima para baixo, envolvimento com os alunos, pais e outras pessoas que fazem parte do contexto de trabalho são fatores que influenciam muito para um cansaço mental e físico do professor e que podem levar a um estresse crônico. O contato com estes estressores leva a somatizações graves, que podem prejudicar, de forma abrupta, a vida particular, social e profissional.

Segundo Bittencourt (2011), os sintomas do estresse se dividem em sintomas físicos e psicológicos, os físicos são: indigestão, dores de cabeça, alergias, insônia, mudança de apetite, esgotamento físico, gastrite, taquicardia e os psicológicos são:

memória fraca, desmotivação, autoritarismo, introspecção,

isolamento e tiques nervosos, dentre outros. As características individuais também são levadas em consideração, pois é indispensável o modo de ser e agir de cada ser humano. Stress contínuo e persistente pode levar ao que hoje denominamos de Síndrome de Burnout.

Para Maslach e Jackson (1981), a Síndrome de Burnout pode ser definida como uma reação à tensão emocional crônica que é originada no ambiente laboral de profissionais que possuem um contato direto e permanente com outras pessoas. Assim, entre os profissionais que podem ser mais acometidos pelo Burnout, estão: professores, terapeutas ocupacionais, psicoterapeutas, enfermeiros, policiais, assistentes sociais e outros (CARLOTTO; CÂMARA, 2004).

Segundo Teixeira et. al. (2010) a Síndrome de Burnout parece estar intimamente ligada às profissões relacionadas ao cuidado e com a formação, devendo ser compreendida a partir de um contexto multidisciplinar, envolvendo diferentes níveis de atenção. Freundenberger (1974) foi o pesquisador que deu o nome de "Síndrome de Burnout", a uma da patologia surgida a partir de 1970 e que ocorria devido às condições impróprias de trabalho e que ocorriam em cuidadores.

Maslach (1981) coloca que a Síndrome de Burnout apresenta três dimensões que a caracterizam: a) exaustão emocional (EE); b) despersonalização e c) baixa realização profissional. A primeira caracteriza-se pela falta ou ausência de energia e entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos para lidar com determinada situação; a segunda está ligada à coisificação das relações interpessoais que leva a um distanciamento das pessoas e a terceira que se caracteriza pelo sentimento de infelicidade e insatisfação com as atividades laborais, trazendo como consequências a falta de envolvimento com o trabalho e a queda de produtividade.

A Síndrome de Burnout é um fenômeno intimamente ligado ao trabalho e, as mudanças que estão acontecendo neste mundo que estão levando muitos profissionais a caírem nas malhas desta Síndrome - um destes malfadados profissionais é exatamente o professor.

Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento e análise da produção científica nacional (relatos de pesquisa) dentro de um grupo específico:

os docentes dos níveis Infantil, Fundamental I e II e Médio da rede pública regular de ensino. O levantamento foi realizado no ano de 2015; compreendeu um intervalo de 10 (dez) anos (2005 a 2015) e foi realizado dentro de três bases de dados de livre acesso: BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Index Psi (Periódicos Técnico-Científicos) e Pepsic (Periódicos de Psicologia). Estas bases foram selecionadas pela sua abrangência e acessibilidade (critérios de escolha). Foram levantados somente os textos publicados nas revistas científicas que abordassem o tema escolhido e utilizando populações e amostras nacionais e mediante o uso das palavras chave: *Síndrome de Burnout, Burnout e Síndrome do Esgotamento Profissional*.

Não foram inclusos neste trabalho revisões teóricas ou validações de instrumentos, somente os relatos de pesquisa. Após separação e leitura destes estudos finais, foram extraídos os dados que foram utilizados neste levantamento.

Trabalhos como este possibilitam compreender um tema em ciência, esta exige que, em algum ponto, sejam levantadas e ordenadas o montante e tipo de produção, informações e resultados já alcançados. Este ordenamento permite que se tenha, de tempos em tempos, uma visão geral sobre o estado da arte de um tema, delineamentos de pesquisa e caminhos a serem mais explorados ou abertos.

CONCEITO DE BURNOUT

O termo *burnout* significa “queima” ou “combustão total”. Faz parte do vocabulário coloquial em países de língua inglesa e costuma ser empregado para denotar um estado de esgotamento completo da energia individual associado a uma intensa frustração com o trabalho (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001, *apud* VIEIRA, 2010). Maslach (2007) refere que o conceito de Burnout foi cunhado na década de 70, foi rapidamente aceito e tem sido tema de inúmeros artigos científicos, livros e de apresentações em congressos de

psicologia, psiquiatria e educação médica.

Maslach (1981) coloca que a Síndrome de Burnout apresenta três dimensões que a caracterizam: a) exaustão emocional (EE); b) despersonalização e

c) baixa realização profissional. A primeira caracteriza-se pela falta ou ausência de energia e entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos para lidar com determinada situação; a segunda está ligada à coisificação das relações interpessoais que leva a um distanciamento das pessoas e a terceira que se caracteriza pelo sentimento de infelicidade e insatisfação com as atividades laborais, trazendo como consequências a falta de envolvimento com o trabalho e a queda de produtividade.

Para Maslach (2007), ao examinar suas três dimensões básicas, observa-se que todos os sintomas descritos, sem exceção, estão presentes na depressão. Por exemplo, na dimensão exaustão emocional o indivíduo sente-se esgotado e com a sensação de que não será possível recuperar sua energia, torna-se irritável e amargo, pouco generoso, sente-se menos capacitado a cuidar dos outros e torna-se pessimista; na despersonalização há um distanciamento emocional e uma indiferença diante do sofrimento alheio, com uma perda da capacidade de empatia, o que faz com que o indivíduo seja tratado como um objeto; na dimensão comprometimento da realização pessoal o indivíduo sente-se impotente, frustrado, infeliz e com baixa autoestima.

Em geral, Burnout é definido como uma reação negativa ao estresse crônico no trabalho. Manifesta-se basicamente por sintomas de fadiga persistente, falta de energia, adoção de condutas de distanciamento afetivo, insensibilidade, indiferença ou irritabilidade relacionada ao trabalho de uma forma ampla, além de sentimentos de ineficiência e baixa realização pessoal. Trata-se de uma condição crônica determinada principalmente por fatores da organização do trabalho, tais como sobrecarga, falta de autonomia e de suporte social para a realização das tarefas (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001; SCHAUFELI; ENZMANN, 1998, *apud* VIEIRA, 2010).

Vieira (2010) explica que o Burnout está associado a consequências negativas vivenciadas pelos trabalhadores, dentre as quais: no nível socioeconômico: absenteísmo, queda de produtividade e aposentadoria precoce; para a saúde física: aumento do risco cardiovascular, alterações fisiológicas e metabólicas como desregulação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenais, diabetes tipo 2, elevação de lipídios séricos e alterações do sistema imune, além de distúrbios musculoesqueléticos e para a saúde mental: associação com ansiedade e, em especial, depressão, além de abuso de álcool.

Ainda segundo este autor, o estudo sistemático do Burnout inaugura-se em 1974 à partir da descrição clínica, pelo psicanalista norte-americano Herbert Freudenberger, de um quadro de esgotamento físico e mental com intensa irritabilidade relacionado a condições adversas de trabalho de profissionais de saúde atuando na área de dependência química (FREUDENBERGER, 1974; FREUDENBERGER; RICHELSON, 1987, *apud* VIEIRA, 2010).

O Burnout ou Síndrome de Burnout é passível de ser estudada e suas dimensões medidas pelo instrumento proposto por Maslach e Leiter em 1997 (CARLOTO e CAMARA, 2007). Existem duas versões do MBI que têm sido bastante utilizadas em estudo empíricos: a original, *Human Service Survey* (HSS)*,* mais adequada para prestadores de serviços, e a mais recente, *General Survey* (GS) que pode ser aplicada para uma ampla gama de profissões (MASLACH & LEITER, 1997, *apud* CARLOTO, CAMARA, 2007).

A ESCOLA

A ESCOLA PÚBLICA NO SÉCULO XXI

A escola para todos e gratuita surge em um momento específico do Brasil, em um momento no qual passava por transformações de ordem política e social e necessitava de um novo tipo de homem: um homem que fosse capaz de atuar e trabalhar dentro do processo de industrialização que surgia no Brasil. Para realizar tal intento era necessário organizar a forma até então que se tinha de ensino e que estava nas mãos da igreja ou dos detentores do capital.

Educar as classes populares não seria uma tarefa tão fácil e esta, segundo Souza (2006) levou a um profundo e prolongado debate sobre como poderia ser organizado o sistema de ensino no Brasil, já que este sistema de ensino deveria agora dar conta de organizar o ensino mais básico ou elementar, de forma a racionalizá-lo e padronizá-lo para atender um grande número de crianças – escolarizar em massa.

Apesar da educação pública no Brasil ter como objetivo, em seus primórdios, a educação em massa da população, o fornecimento de ensino a toda sociedade, não se tratava somente de dar educação de graça a todos. Era necessário mudar os moldes e a forma como a escola era oferecida, pois estes moldes eram adequados a uma elite que era formada por cafeicultores e filhos destes e, portanto restrita a um número pequeno de pessoas e, formulada de forma a atender a este público especificamente (HILSDORF, 2005).

Assim, não é de se estranhar que as escolas ou grupos escolares tenha se concentrado e ocorrido mais predominantemente na zona urbana; no meio rural predominou por muito tempo, ainda, as escolas isoladas. A escola que era eficiente e servia para a formação e seleção das elites foi exatamente o grupo escolar; o ensino para as massas populares e as questões relacionadas a este só esteve presente na reforma paulista de 1920, (SAVIANI, 2006, p. 55). Por possuírem turmas que eram seriadas, os grupos escolares ficaram conhecidos como escolas graduadas:

> A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização

> pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor (SOUZA, 2006, p.114).

Souza (2006) coloca que foi à partir do século XIX que a organização das instituições públicas de ensino promoveram a transmissão da ideologia da sociedade burguesa. Esta ideologia podia ser observada nos conteúdos escolares, que visavam o aprimoramento do trabalhador. No Brasil, a organização das instituições públicas está enraizada e ligada com a cópia de métodos de países europeus e sempre valorizando os pressupostos burgueses.

Esta situação perdurou durante muitos anos, mas, durante os anos 80 e 90 foi possível ao Brasil ter a possibilidade de universalizar o acesso ao ensino fundamental obrigatório, pôde melhorar o fluxo de matrículas e investir na qualidade de aprendizagem desse nível escolar e, posteriormente, agregaram-se a esse esforço o aumento da oferta de ensino médio e de educação infantil nos sistemas públicos (MELLO, 2000).

CONCEITO DA ESCOLA PÚBLICA

A escola pública é um direito previsto na constituição, aquela em que a família matricula o filho sem custos. É um ensino gratuito para toda e qualquer criança ou adolescente. Está na LDB, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934. A primeira LDB foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996.

Grandes foram as modificações que ocorreram, proporcionando um maior incentivo ao conhecimento, mas, em contrapartida surgiram tecnologias que trouxeram uma certa desigualdade em relação ao aprendizado.

> A sociedade do século XXI é cada vez mais caracterizada pelo uso intensivo do conhecimento, seja para trabalhar, conviver ou exercer a cidadania, seja para cuidar do ambiente em que se vive. Essa

> sociedade, produto da revolução tecnológica que se acelerou na segunda metade do século passado e dos processos políticos que redesenharam as relações mundiais, já está gerando um novo tipo de desigualdade, ou exclusão, ligada ao uso das tecnologias de comunicação que hoje mediam o acesso ao conhecimento e aos bens culturais. Na sociedade de hoje, são indesejáveis tanto a exclusão pela falta de acesso a bens materiais quanto a exclusão pela falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais (FINI, 2008, p. 23).

Depois de 25 anos de vigência da Lei 5.692/96 (2ª LDB), a Lei de Diretrizes e Bases atual (9394/96) trouxe alguns avanços e, segundo o relator do projeto, deputado Jorge Hage, “temos a chance de organizar o sistema de ensino, definindo melhor os papéis dos setores público e privado, ampliando a descentralização (gestão democrática) e flexibilizando a gestão das Universidades e as normas dos vestibulares”.

Algumas Inovações da Lei são ilustradas a seguir segundo Jorge Hage:

1. Sob o nome genérico de “Educação Infantil”, prevê-se o atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade (hoje alterada para cinco anos); enfim deram conta da importância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento do indivíduo;
2. Proposta de novos enfoques pedagógicos na questão da aprendizagem na educação básica: é mais importante saber “como se aprende” do que “como se ensina”;
3. Ratificação da gratuidade do ensino fundamental e sua universalização, com a permanência do aluno na escola até a 8ª série;
4. Inserção dos portadores de necessidades especiais, preferencialmente, na rede regular de ensino;
5. Ensino infantil e fundamental como prioridade dos municípios, com o percentual obrigatório de 25% da receita de cada um deles;
6. Proposição de um currículo mínimo básico, em nível federal, cabendo aos subsistemas a complementação dos currículos de acordo com as peculiaridades regionais;

7. Concepção de educação continuada com uma vertente para educação de ordem geral e outra para profissionalização em nível médio;
8. Proposta de educação escolar voltada para jovens e populações indígenas;
9. Ampliação do ano letivo e carga horária, prevendo, no mínimo, 200 dias letivos e 800 horas/aula;
10. Gestão democrática da educação pública, com a criação de conselhos envolvendo a participação da comunidade nos seus vários segmentos;
11. Participação do corpo docente no Projeto Político-Pedagógico da Unidade Escolar;
12. Valorização do Magistério;
13. Novos mecanismos de aceso ao ensino superior, através de outros processos seletivos, além do vestibular;
14. Regulamentação e valorização da Educação a Distância.

As inovações da Lei, conforme descritas acima, valorizam as mudanças ocorridas desde que a LDB se prontificou a melhorar o ensino.

OS DESAFIOS

Mesmo que muitos anos após a promulgação da Lei, ainda é possível perceber que muitos dos desafios não se concretizaram. Muitas das propostas não foram implementadas, e as políticas públicas para a educação ainda são frágeis e inconsistentes (FAITARONE e COELHO, 2009). Para os autores não houve mudanças significativas em relação a lei da LDB, muitos dos problemas ainda persistem no campo educacional.

> A escola não é valorizada como um bem cultural em si mesmo, pois o fracasso escolar é evidenciado na "cultura de repetência" e na evasão escolar. Estabelece-se um preconceito contra os alunos das classes populares, o "aluno carente é incapaz de aprender". Procura-se justificar o fracasso escolar com teorias que vão da desnutrição às condições econômicas, disfunções cerebrais ou vocabulário restrito (FAITARONE e COELHO, 2009, p. 29).

Os autores ainda defendem os alunos de classes populares, tirando-lhes a responsabilidade sobre as

dificuldades que eles encontram para estudar. Faitarone e Coelho (2009) enfatizam algumas distorções que na visão deles são gritantes:

- ✓ Ignora-se o contexto social do meio do qual o aluno provém e a sua competência linguística, em vez de estimular um padrão mais alto da língua;
- ✓ Constroem-se prédios faraônicos, mas não escolas suficientes para receber toda a população escolarizável;
- ✓ Inexistência de escolas de ensino fundamental nas zonas rurais;
- ✓ Nas regiões mais pobres, onde se concentram as maiores taxas de analfabetismo, acumulam-se outros pecados pedagógicos, como a defasagem, idade-série, permanência prolongada por efeito de repetências e evasão;
- ✓ Rejeição por parte de alguns grupos (indígenas, seringalistas, “sem terra”), das escolas filantrópicas, desejando-as articuladas com a produção;
- ✓ O ensino médio continua como o elo natural entre o ensino fundamental e o nível superior;
- ✓ Considerações político-partidárias têm peso muito significativo na expansão da rede escolar;
- ✓ Nas regiões rurais, há dificuldade de fazer o aluno retornar à escola, quando aplicado o calendário agrícola alternativo;
- ✓ Pouco empenho na implantação de escolas para as populações indígenas;
- ✓ A Universidade Brasileira está longe de representar um instrumento decisivo para a formação de recursos humanos.

Na visão de Faitarone e Coelho (2009) o ensino superior está sujeito ora à retórica, ora ao pragmatismo, conforme interesses estranhos à educação, ligados a grupos ou entidades os mais variados, multiplicando-se cursos de baixo custo de implementação, enquanto há falta de cursos reclamados pelo mercado de trabalho.

A polêmica sobre a formação dos professores para as séries iniciais parece eternizar-se. Normal superior? Pedagogia? Formação em nível médio? As discussões sucedem-se, e o tempo escoa-se. O

> professor atual vale-se, em suas aulas, das ferramentas proporcionadas pela tecnologia, mas ainda não domina as múltiplas possibilidades da tecnologia educacional, com suas linhas próprias de concepção e produção de material didático, verificação de critérios da aprendizagem e avaliação de sua eficácia (FAITARONE e COELHO, 2009, p. 35).

À vista dos fatos, conclui-se que:

- ✓ Os custos da Educação Brasileira teriam outros dividendos se houvesse eficiência e eficácia no sistema escolar. O problema de equidade social não se esgota em medidas de racionalidade administrativa ou em redirecionamento de atividades.
- ✓ O Plano Nacional de Educação deve procurar corrigir as incoerências e as desarticulações entre os diversos níveis de ensino; é preciso trabalhar com a realidade, com dados objetivos e não com suposições demagógicas.

Existe uma expectativa em relação ao papel que deve ser desempenhado pelos professores no contexto em que se insere o sistema educativo e este se fundamenta, via de regra, na consideração a respeito do impacto da Educação para o desenvolvimento, e também, ao valor a ela atribuído nesse contexto.

Pode-se, assim, identificar como perfil ideal, na atualidade, o apresentado pela "Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior" (BRASIL, 2000), segundo o qual as principais exigências correspondentes à função docente constituem-se nas seguintes:

- instalar comportamentos típicos de colaboração e trabalho em equipe;
- utilizar novas metodologias, estratégias e recursos de apoio;
- elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos previstos no currículo, incentivando atividades de enriquecimento curricular;
- assumir e lidar diretamente com a diversidade existente entre os alunos;
- responsabilizar-se pelo sucesso da aprendizagem dos alunos, à

medida que orienta e exerce mediação no ensino.

Frente a tais princípios e solicitações da demanda atual, conforme descritas no documento, cabe a discussão sobre as condições em que se encontram os professores, para corresponderem ao que deles se espera. Em especial, questiona-se, no mesmo documento, a formação profissional oferecida, sendo apontada a necessidade de revisão dos modelos existentes para a construção do referencial do docente. Rever esses modelos, criteriosamente, implicaria:

- incrementar a disponibilidade de recursos tecnológicos e bibliográficos nas instituições e programas de formação docente;
- preparar os professores para atuarem como agentes de mudanças na organização curricular e pedagógica brasileira, enquanto profissionais articulados com tal realidade;
- aprimorar e atualizar o conteúdo constante no currículo, frente a alterações na demanda sobre o papel do professor;
- promover o aperfeiçoamento profissional de docentes formadores, assim como implementar melhorias no interior das instituições responsáveis pela formação de professores.

Parizzi e Reali (2002) enfatizam a importância do tipo de ligação que está estabelecida entre as instituições que formam os professores e o sistema educacional - com suas escolas e seus professores atuantes. O desafio de oferecer as condições necessárias para o desempenho do papel de professor, de acordo com a demanda que ele deve trabalhar, parece ser determinado por implicações inerentes às características da profissão. Dentre tantas características pode-se destacar, ainda segundo os autores, a ação pautada em um planejamento voltado para a solução de problemas, tendo como base uma avaliação criteriosa da situação, ou seja, não é somente a aplicação direta de conhecimentos teóricos ou técnicos, exige-se domínio de princípios norteadores de tomada de decisões. As exigências cada vez mais exacerbadas e marcantes da vida dos docentes estão levando-os a uma derrocada em termos de sua saúde e desempenho.

BURNOUT E DOCÊNCIA

Hoje, por causa de ataques aos professores, diretores, funcionários das escolas, e aos próprios alunos, nota-se que muitos professores perderam a motivação em educar, o medo, e a insegurança imperam. Em 2003 foi realizada uma pesquisa na Universidade de Brasília, revelando que 40% dos professores do país não têm motivação para dar aulas. Os principais motivos são os baixos salários e a falta de infraestrutura para realizar um bom trabalho.

Um levantamento feito pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) revelou que, no Brasil, existem em torno de 980 mil crianças na quarta série primária que ainda não sabem ler. Também há mais de 1,6 bilhão de alunos que sabem, no máximo, ler frases simples.

Num universo de 8,7 mil docentes, 15,7% dos professores apresentam a Síndrome de Burnout – problema que tem como primeiros sintomas cansaço, esgotamento e falta de motivação. O dado é do mestrado da psicóloga Nádia Leite (2002), que foi defendido na Universidade de Brasília (UnB, 2003).

A pesquisadora entrevistou professores da educação básica da rede pública na região do Centro-Oeste do país. Obter 15,7% num universo de 8 mil não é desprezível. Se refletir a totalidade dos professores brasileiros, mais de 300 mil docentes convivem com o problema.

A palavra Burnout é uma composição de Burn (queima) e out (exterior). O termo faz referência ao comportamento irritado e hostil apresentado pela pessoa que sofre da síndrome, que é causada principalmente pelo desequilíbrio e estresse físico emocional.

A enfermidade afeta especialmente profissionais da área de educação e saúde, que desenvolvem atividades que favorecem o envolvimento emocional e têm altas expectativas em relação aos resultados do seu trabalho.

> Ao não conseguir atingir as metas, esses profissionais acabam decepcionados consigo mesmos e com a carreira. Eles têm uma sensação de inutilidade, mesmo que tenham se empenhado ao máximo. A impressão que não deu conta e a desistência simbólica são aspectos muito fortes nas pessoas

> atingidas (LEITE, 2003, p. 2).

Segundo a pesquisadora Leite (2003), também se enquadra nesse perfil o professor que espera dos alunos um ótimo aprendizado do conteúdo por ele transmitido em sala de aula, que se esforça e dedica-se tanto como se os alunos fossem seus próprios filhos. Diante do desinteresse, da indisciplina, da não reciprocidade e do baixo rendimento da classe, aparecem nos profissionais sinais de desânimo e o cansaço.

Os estudos também apontam que professores com a síndrome tendem a adoecer mais, faltar ao trabalho e se tornar menos criativos, o que compromete o ensino. As consequências são ainda piores no ensino fundamental, quando o aprendizado dos alunos depende mais do professor, pois esse período escolar acompanha uma fase essencial da formação do indivíduo.

Leite (2003) explica que o primeiro sinal de instalação da síndrome é a exaustão emocional, que leva ao docente um esgotamento tão forte a ponto de não conseguir mais se doar. Quando não consegue lidar com essa sensação, desenvolve mecanismos reativos. Como alternativa ao sofrimento, acaba por se distanciar emocionalmente, tanto do seu trabalho quanto do próprio aluno.

De acordo com a pesquisadora, a indiferença por assuntos da profissão e um forte sentimento de ineficácia são sintomas marcados pelo afastamento do trabalho, já o endurecimento afetivo e falta de empatia é um ponto forte do que Nádia chama de “despersonalização” ou distanciamento dos alunos.

A pesquisa identificou que 31,2% dos entrevistados sentiam baixa realização profissional; alto grau de esgotamento emocional foi mencionado por quase 30% e despersonalização ou distanciamento dos alunos relatado por 14%.

Para Leite (2003), o distanciamento dos alunos é o sinal mais cruel da burnout, pois afeta justamente aquele que deveria ser objeto de atenção e cuidado. A pesquisadora usa como exemplo a situação de professores que se referem às turmas como “aqueles pestinhas”, ou que, de tão distanciado, inconscientemente não possui mais nenhuma relação de afeto, “o aluno passa a ser apenas mais um número da chamada”.

A pesquisadora também diz que o profissional afetado pela síndrome frequentemente está doente, sofre de insônia, úlcera, dores de cabeça, depressão e fadiga crônica.

Em termos de tratamento, Leite (2003) coloca que, companheirismo e cooperação no trabalho por parte dos colegas são fundamentais na hora do tratamento. A frequência de exaustão entre indivíduos sem suporte é quase o dobro da verificada em professores que se sentem apoiados. Quanto à despersonalização e à realização profissional reduzida, os dados seguem a mesma tendência: a incidência desses sintomas é três vezes maior entre os professores que não se sentem amparados pelos colegas.

Leite (2003) ainda comenta que as atividades que estimulam a aproximação entre professores podem contribuir para evitar a tendência a expectativas profissionais inalcançáveis, substituindo-as por metas realistas e discutidas coletivamente, incentivar atividades coletivas e discussão de problemas em grupo, como terapias coletivas são outra saídas para minimizar a síndrome.

SÍNDROME BURNOUT E ESTUDOS

A exposição a estressores e a experiência de estresse desempenham um importante papel como componentes mediadores para o surgimento ou agravamento de uma ampla variedade de patologias, dentre elas a Síndrome de Burnout (BARONA, 2003). A categoria docente é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho (REIS et al., 2005), como exemplo o visual das escolas.

Segundo Ferenhof e Ferenhof (2002), a ecologia da escola pública encontra-se abalada por vários fatores, entre eles, o descaso das autoridades do Estado - sujeira, grafitagem, alusão a siglas de grupos marginais ou a gangs rivais, cerceamento do direito do cidadão-professor de ir e vir, violência física e psicológica, rendição diante do quadro de marginalidade intra e extramuros escolares, desrespeito à função docente.

Conforme Silva e Carlotto (2003) a Síndrome de *Burnout* em profissionais da educação vem recebendo crescente atenção por parte de pesquisadores. Diversos estudos (BYRNE, 1993; PRETORIUS, 1994; CARVALHO, 1995; MOURA,

1997; CARLOTTO, 2002) têm sido realizados com essa categoria profissional.

O impacto dos fatores estressantes sobre profissões que requerem condições de trabalho específicas, com grau elevado de relação com o público, como a do professor, tem sido estudado em vários países sob a denominação de Síndrome de Burnout (SB), sendo que, no Brasil, também é conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional (REIS et al., 2005).

Segundo Guglielmi e Tatrow (1998), os professores não pertencem a um grupo homogêneo, pois, dentro dessa categorização, há diferenças de funções e atribuições. Assim, o trabalho desenvolvido também apresenta diferentes desafios, demandas e recompensas.

Segundo Carlotto (2002, apud SILVA, CARLOTTO, 2003), no trabalho docente alguns estressores são típicos da natureza da função e outros são ocasionados pelo contexto onde o mesmo se realiza. Esses estressores psicossociais, se persistentes, podem levar à Síndrome de *Burnout*.

Essa síndrome é considerada por França e Rodrigues (1999, apud SILVA, CARLOTTO, 2003) como uma resposta emocional a situações de estresse crônico em função de relações intensas em situações de trabalho com outras pessoas.

Conforme Codo (1999), muitos esforços têm sido feitos para traçar um perfil do educador que é mais suscetível ao sentimento de *Burnout.*

Esses esforços se justificam, na medida em que a severidade da síndrome em professores já é, atualmente, superior à dos profissionais de saúde, o que coloca o magistério como uma das profissões de alto risco de incidência (IWANICKI & SCHWAB, 1981; FARBER, 1991, apud SILVA, CARLOTTO, 2003).

Segundo Carvalho (1995), a escola vem assumindo cada vez mais características e modelos de gestão empresarial. Nesse contexto, o ensino é entendido como um produto comprado por um cliente, pais/responsáveis ou alunos.

A escola é vista e gerenciada como uma prestadora de serviços, com clientes que precisam ser, o tempo todo, bem tratados e bem atendidos (MOURA, 1997). Essa visão de educação sob a perspectiva

mercantil, de acordo com Fraga (1999), causa prejuízo às pessoas diretamente envolvidas no processo e o professor é uma delas.

MATERIAL E MÉTODO

O levantamento realizado levou em consideração somente os estudos produzidos no Brasil sobre a Síndrome de Burnout e sua ocorrência dentro de um grupo específico: os docentes dos níveis Infantil, Fundamental I e II e Médio da rede pública regular de ensino. O levantamento foi realizado no ano de 2015; compreendeu um intervalo de 10 (dez) anos (2005 a 2015) e foi realizado dentro de três bases de dados de livre acesso: BVS, Index Psi e Pepsic; estas bases foram selecionadas pela sua abrangência e acessibilidade (critérios de escolha). Foram levantados somente os textos publicados nas revistas científicas que abordassem o tema escolhido e do estudo, que foram escolhidos para a análise; num total de 14 estudos, sendo, a sua totalidade relatos de pesquisa.

Com relação ao ano de publicação e revista pública verifica-se que estas se concentram mais no ano de 2014 e que com relação às revistas utilizando populações e amostras nacionais e mediante o uso das palavras chave: *Síndrome de Burnout, Burnout e Síndrome do Esgotamento Profissional*.

Não foram inclusos neste trabalho revisões teóricas ou validações de instrumentos, somente os relatos de pesquisa. Após separação e leitura destes estudos finais, foram extraídos os dados que foram utilizados neste levantamento.

RESULTADOS

Após um primeiro levantamento inicial, com base nas palavras chave, foram encontrados, inicialmente, 375 textos que se reportavam à Síndrome, tão somente. Deste foram selecionados os estudos que apresentaram relação entre a Síndrome e docência – um total de 34 textos e, por fim os textos foram selecionados pelos níveis de docência, tipo de população e país de origem a frequência e porcentagem de ocorrência entre elas são as mesmas (Tabela 1).

TABELA 1 – Distribuição das produções pelos anos e revistas.

	Categorias	*n*	*%*
ANO	**2005**	0	0
	2006	0	0
	2007	0	0
	2008	2	14
	2009	1	7
	2010	1	7
	2011	1	7
	2012	0	0
	2013	2	14
	2014	5	36
	2015	2	14
REVISTAS	Arquivos brasileiros de psicologia	1	7
	Contextos clínicos	1	7
	Mudanças - Psicologia da Saúde	1	7
	Psico	1	7
	Psico- USF	1	7
	Psicologia Argumento	1	7
	Psicologia Argumento: Dossiê	1	7
	Psicologia da educação	1	7
	Psicologia em estudo	1	7
	Psicologia: Ensino e Formação	1	7
	Psicologia:Teoria e Pesquisa	1	7
	Revista Mal-Estar e subjetividade	1	7
	Revista quadrimestral da associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	1	7
	Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia escolar e Educacional	1	7

Uma análise das cidades/estado onde foram realizados os levantamentos das populações utilizadas nos estudos percebe-se que

a Região Sul é a maior produtora dos artigos levantados (Tabela 2).

TABELA 2 – Distribuição das produções pelas cidades/estados do Brasil.

	Categorias	*n*	*%*
CIDADES/ ESTADO	Canoas – RS	1	6
	Litoral do Rio Grande do Sul – RS	1	6
	Maringá – PR	1	6
	Porto Alegre – RS	6	35
	Região de Vale dos Sinos – RS	1	6
	Região metropolitana do Rio Grande do Sul – RS	5	29
	Maceió – AL	1	6
	Minas Gerais –MG	1	6

Os instrumentos mais utilizados para levantamento dos dados de pesquisa são o Questionário de levantamento de dados demográficos (34%), o *Malash Burnout Inventory - Educator Surve* (19%) e *Cuestionario para la Evaluacion del Síndrome de Quemarse por el Trabajo* (15%) (Tabela 3).

TABELA 3 – Distribuição dos principais instrumentos de levantamento dos dados de pesquisa.

	Categorias	*n*	*%*
Instrumentos	CBP-R - Cuestionário de Burnout del Professorado	1	3,7
	COPE - Escala de enfrentamento	1	3,7
	Cuestionario para la Evaluacion del Síndrome de Quemarse por el Trabajo	4	15
	Entrevista semi-estruturada	2	7,5
	Escala de Autoeficácia Docente de Polydoro et. Al.	1	3,7
	Escala Geral de Autoeficácia de Babler e Schwarzer	1	3,7
	Inventário de estratégias de Coping	1	3,7
	Malash Burnout inventory - Educator survey	5	19
	Questionário de caracterização de Iaochite	1	3,7
	Questionário para levantamento de dados demográficos	9	34
	Subescala de sobrecarga laboral da Organizational stress Questionaire – OSQ	1	3,7

No presente levantamento focou somente os estudos relacionados aos docentes; cabe aqui uma caracterização geral das amostras utilizadas: o total das amostras dos estudos compreendem 3213 pessoas (100 de Minas Gerais, 40 de Maceió e 3073 da Região Sul do Brasil); em sua

maior parte as amostras são compostas por professoras, casadas ou com relação estável, com filhos, com uma média de idade de 38,5 anos, com formação superior e especialização, com uma média de tempo de experiência de 15 anos, com cargas horárias que variam de 20 a 40 horas semanais e que atendem em média 110 alunos.

Dos 14 estudos levantados um trata de um relato de uma intervenção (7%); cinco são estudos comparativos (36%); dois são sobre estratégias utilizadas para enfrentamento da *Síndrome de Burnout* (14%), dois sobre auto eficácia e *Síndrome de Burnout* (14%) e quatro sobre as causas e consequências da *Síndrome de Burnout* (29%).

TABELA 4 – Distribuição dos estudos segundo o objetivo do trabalho.

	Categorias	***n***	***%***
Estudos Comparativos	Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes públicas estadual e particular Síndrome de Burnout em professores: estudo comparativo entre o ensino público e o privado Burnout em professores: diferenças e análise de gênero Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino. Síndrome de Burnout: estudo comparativo entre professores do Ensino Especial e Ensino regular	5	36
Prevenção	Prevenção da síndrome de Burnout em professores: um relato de experiência	1	7
Relação entre Estratégias de Enfrentamento	Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores de escolas públicas e privadas Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores.	2	14
Relação entre Burnout e Autoeficácia	O papel mediador da auto eficácia na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de Burnout em professores Crenças de autoeficácia docente, satisfação com o trabalho e adoecimento	2	14
Causas e consequências do Burnout	Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados Avaliação e interpretação do Mal-estar docente: Um estudo qualitativo sobre a síndrome de burnout Conhecimento de professores sobre a Síndrome de Burnout: processo, fatores de risco e consequências.	4	29

Apesar dos diferentes delineamentos do estudo, em um ponto todos são concordantes: o número de estudos sobre *Síndrome de Burnout* no Brasil ainda é muito baixo e eles não permitem generalizações; fato que impede uma compreensão mais clara e abrangente desta Síndrome.

DISCUSSÃO

Compreender um tema em ciência exige que em algum ponto sejam levantadas e ordenadas o montante e tipo de produção, informações e resultados já alcançados. Este ordenamento permite que se tenha, de tempos em tempos, uma visão geral sobre o estado da arte de um tema, delineamentos de pesquisa e caminhos a serem mais explorados ou abertos. Tanto nos dados obtidos por este levantamento quanto nas recomendações e pontuações feitas pelos autores verifica-se que a produção científica no Brasil sobre Síndrome de Burnout ainda é muito incipiente no que se refere a volume de pesquisa e resultados. O resultado obtido por este levantamento vai de encontro com a afirmação feita por Benevides-Pereira (2003).

Apesar de não ter sido foco desta pesquisa percebeu-se, durante a primeira fase de levantamento realizada para este trabalho, um dado que corrobora a afirmação de Carlotto e Câmara (2008) acerca da tendência das pesquisas internacionais com amostras e categorias ligadas às áreas de saúde e educação, também em relação às pesquisas nacionais. Dos 375 artigos levantados somente três não se referem às áreas de saúde e educação e sim policiais e bombeiros, dado que vai ao encontro com os levantamentos realizados por Carlotto e Câmara (2008). Mas que pode-se tornar preocupante tendo em conta que Maslach e Leiter (1997 *apud* Carlotto e Câmara, 2008) ressaltaram que a Síndrome de Burnout não se restringe somente a profissões ligadas à saúde e educação.

O que foi proposto como definição, avaliação e como modelo teórico de Burnout por Maslach e Jackson (1981) parece não ser discutido e parece ser amplamente aceito pelos autores levantados, entretanto estes indicam algumas

necessidades nos estudos brasileiros: aprofundamento em estudos longitudinais e que possibilitem a avaliação das diferenças de predição de Burnout em homens e mulheres (Carlotto, Braun, Rodriguez e Diehl, 2014); comparação entre os professores que atuam nas redes pública e particular (Pontes e Lopes, 2009; Borba, Diehl, Santos, Monteiro e Marin, 2009); melhor entendimento sobre as causas e consequências do Burnout (Mesquita, Gomes, Lobato, Gondim e Souza, 2013; Carlotto e Pizzinato, 2013; Diehl e Carlotto, 2014); (Ferreira, 2014; Carlotto, Dias, Batista e Diehl, 2015; Carlotto e Câmara, 2008a; Carlotto e Câmara, 2008b; Carlotto, 2014; (Mesquita, Gomes, Lobato, Gondim e Souza, 2013; Carlotto, 2011) e necessidades de ações e delineamento de estudos diferenciados segundo o nível de ensino (Carlotto, 2010).

Pontos concordantes que foram também apontados por todos os autores relacionam-se a: amostras não probabilísticas que impedem a generalização dos resultados; a falta de estudos longitudinais e a necessidade de mais estudos sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. Carlotto e Câmara (2008) já haviam apontado estes dois pontos como achados em seus levantamentos.

Carlotto e Câmara (2008) também apontaram a irregularidade da produção e distribuição das publicações; afirmação que vai ao encontro aos achados deste levantamento. Em alguns anos (2005, 2006, 2007 e 2012) não foram encontrados nenhuma pesquisa; em outros somente uma (2009, 2010 e 2011) ou duas (2008, 2013 e 2015) e em outros um volume aumentado (5 em 2014); se comparado com os outros anos.

Cem por cento das pesquisas deste levantamento foram encontradas em periódicos e/ou revistas da área de psicologia.

Apesar da população estudada seja da área educacional, nenhum achado refere-se a publicações ou pesquisas especializadas ou ligadas a esta área.

Por fim cabe destacar que este levantamento não foi extensivo o bastante para açambarcar e retratar todo o universo de pesquisas realizadas no Brasil; assim foram excluídos deste levantamento trabalhos apresentados em congresso, publicações em revistas não indexadas e livros por exemplo. A escolha deste levantamento recaiu

exatamente em bases de dados abertas e de amplo acesso e que possibilitavam, minimamente, certo rigor científico e controle metodológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento abre caminhos e possibilidades de entendimento, mas também a constante dúvida acerca do que realmente se sabe e se estamos certos sobre o que sabemos. Também parece ser claro que o que, hoje, constitui-se como “saber cientifico” já foi observado e aventado dentro do conhecimento chamado de “senso comum”.

A Síndrome de Burnout não é um fenômeno atual, ela aparece como manifestação há algumas décadas e em vários trabalhadores. O que temos hoje é que as mudanças ocorridas dentro das organizações de trabalho e os avanços tecnológicos e médicos nos permitiram delinear, apontar e estudar tal manifestação.

Entretanto, apesar de tantos avanços, este entendimento parece ainda estar um pouco distante no que se refere à esfera nacional.

Não só temos poucos artigos a que recorrer que nos expliquem, possibilitem tratar e mesmo evitar a ocorrência desta Síndrome como também há pouca disseminação deste conhecimento entre a população não catedrática que possibilite a identificação e controle de sua saúde e vida. No meio médico isso não é diferente quando se percebe que ainda não existe um consenso ou protocolos de diagnóstico com relação à Síndrome. Depressão, estresse, fadiga, falta de ânimo ou outro termo que aluda a estes podem ou não ser ligados às consequências da ação da Síndrome, mas pouco permite seu pleno entendimento.

Ademais se coloca no indivíduo, principalmente, e não nos arranjos e desenhos de função, formas de organização do trabalho, métodos de trabalho e número de horas de trabalho a culpa pelo adoecimento – estranhamento como também os professores fazem em relação aos seus alunos e a incompetência destes em aprender.

Colocar no indivíduo a culpa é fácil, o que é difícil é entender que muitos indivíduos doentes apontam para outras causas que não as pessoais e localizadas única e simplesmente do indivíduo e o quanto uma soma destes indivíduos todos pesa no coletivo. O adoecimento pela

Síndrome de Burnout não escapa a isto.

REFERÊNCIAS

BARONA, Eloisa Guerrero. **Análisis Pormenorizado de los Grados de Burnout y Técnicas de Afrontamiento del Estrés Docente en Profesorado Universitario.** *Anales de Psicología,* Muricia, v. 19, n. 1, pp. 145-158, 2003.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria.T. **O Estado da Arte do Burnout no Brasil**. *Revista Eletrônica InterAção Psy, 1*, 1, 4-11,2003

BITTENCOURT, Fátima. **Estresse: o mal do século**. Revista Psique Ciência & Vida. v.6, n.63, p.24-31, 2011.

BORBA, Bruna Mainardi Rosso, DIEHL Liciane; SANTOS, Anelise Schaurich, MONTEIRO, Janine Kieling Monteiro, MARIN Angela Helena Marin. Síndrome de Burnout em professores: estudo comparativo entre o ensino público e privado. PsicolArgum. 2015 jan./abr., 33(80), 270,281.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. **Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 499-505, set./dez. 2004.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout em professores de instituições particulares de ensino.** Tese de doutorado, Universidade de Santiago de Compostela, D.L.C-202, 2005.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. **Análise fatorial do Malasch Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares**. Psicologia em Estudo,v. 9, n. 3, p. 499-505, 2007.

CARLOTTO, Mary Sandra. PALAZZO, Lilian dos Santos. **Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores**. Cadernos de Saúde Pública*,* v. 22, n. 5, pp. 1017-1026, 2006

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Out-Dez 2011, Vol. 27 n. 4, pp. 403-410, 2011.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. **Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil**, *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, *v. 39*, n. 2, pp. 152-158, abr./jun. 2008

CARLOTTO, Mary Sandra; BRAUN, Ana Cláudia; SPIENDLER, Sandra Yvonne Rodriguez; DIEHL, Liciane. **Burnout em professores: diferença e análise de gênero**, Contextos Clínicos, 7(1):86-93, janeiro-junho 2014 © 2014 by Unisinos - doi: 10.4013/ctc.2014.71.08

CARLOTTO, Mary Sandra; PIZZINATO, Adolfo. **Avaliação e interpretação do mal-estar docente: um estudo qualitativo sobre a Síndrome de Burnout.** Rev.Mal-Estar Subj vol.13 no.1-2 Fortaleza jun. 2013

CARLOTTO, *Mary Sandra; DIAS, Sofia Raquel da Silva, BATISTA, Jaqueline Brito Vida, DIEHL, Liciane Diehl* **O papel mediador da autoeficácia na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de Burnout em professores,** Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 13-23, jan./abr. 2015 13

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores de escolas públicas e privadas
Psic. da Ed., São Paulo, 26, 1º sem. de 2008, pp. 29-46

CARLOTTO, Mary Sandra; **Prevenção da síndrome de** *burnout* **em professores: um relato de experiência .** Mudanças – Psicologia da Saúde,
22 (1), Jan.-Jun. 2014, 31-39p

CARLOTTO, Mary Sandra, **Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados,** *Psicologia: Teoria e PesquisaOut-Dez 2011, Vol. 27 n. 4, pp. 403-410*

CODO, Wanderley, **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DIEHL, Liciane and CARLOTTO, Mary Sandra. **Conhecimento de professores sobre a síndrome de burnout: processo, fatores de risco e consequências.** *Psicol. estud.* [online]. 2014, vol.19, n.4, pp.741-752.

FAITARONE, MTG. COELHO, MCI. **A demanda pela educação no Brasil**: limites e possibilidades, política públicas de educação. Jaboticabal: São Luis, 2009.

FERREIRA, Luiza Cristina Mauad. **Crenças de autoeficácia docente, satisfação com o trabalho e adoecimento.** PSICOLOGIA: ENSINO & FORMAÇÃO | 2014, 5(2): 19-37

FINI, Maria Inês. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Matemática. São Paulo: SEE, 2008

FREUDENBERGER, H. J. Staff Burnout. Journal of Social Issues, n. 30, p.159-165, 1974.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira.** São Paulo: Thompson, 2005.

LEITE, Nadia Maria Beserra. **Síndrome de Burnout.** Universidade de Brasília: UnB, 2003.

LOPES, Andressa Pereira; PONTES, Édel Alexandre Silva. **Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) * Volume 13, Número 2, Julho/Dezembro de 2009 * 275-281

MASLACH, Christina., & JACKSON, Susan. E. **The measurement of experienced burnout**. Journal of Occupational Behavior, Sussex, England, v. 2, n. 2, p. 99-113, 1981.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar B. LEITER, Michael P. **Job Burnout**. ***Annual Review Psychology*****,** v. 52, p. 397-422, 2001

MAZON, Vania; CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila. Síndrome

de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores, Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 60, n. 1, 2008.

MELLO, Guiomar Namo. **Formação inicial de professores para a educação básica,** São Paulo Perspec. vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000

MESQUITA, Alex Andrade Mesquita, GOMES, Dayanna Santos, LOBATO, Juliana Lima Lobato, GODIM, Ludmilla, SOUZA Simone Batista. **Estresse e síndrome de burnout em professores: Prevalência e causas**. Psicologia Argumento, v.31, n.75, 2013.

PARIZZI, R.A.; REALI, A.M.M.R. Práticas pedagógicas de professores de educação especial: desafios impostos pela diversidade. In: MIZUKAMI, M.G.N.;
REALI, A.M.M.R. Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas. São Carlos: UFSCar, 2002

REIS, Eduardo José Farias Borges; CARVALHO, Fernando Martins, ARAÚJO, Tania Maria; PORTO, Lauro Antonio; SILVANY NETO, Annibal Muniz. **Trabalho e Distúrbios Psíquicos em Professores da Rede Municipal de Vitória da Conquista**, Bahia, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 21, n. 5, p. 1480-1490, 2005

SAVIANI, Demerval. **O legado educacional no século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SILVA, Graziela Nascimento. CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: um estudo com professores da rede pública. **Revista de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 2, p. 145-153, 2003

SOUZA, RF. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2006.

TEIXEIRA, F. G.; SILVA, M. R. S.; MEDEIROS, G. L.. Síndrome de burnout: a interface entre o trabalho na área da educação e na enfermagem. Artigo de investigação. Revista de Enfermagem Referência. v. 3, n. 2, p. 101-109, 2010.

VIEIRA, SL**. Gestão da escola**: desafios a enfrentar. Rio de janeiro: DP&A Editora, 2010.